

# O Sapo Trocado

Katia Thimm

Pesquisadores de Heidelberg estudam povos do mundo inteiro que não conhecem direita e esquerda e, mesmo assim, conseguem se orientar.

Se o turista comum em Bali compreendesse a língua da ilha, o ambiente exótico seria completo: "Tome o prato de arroz do levanta-sol" ele estaria ouvindo, "leve sua prancha de surf ao pôr do sol". Ou, ainda, "prove o cocktail kuta na montanha sagrada".

Se o viajante pegasse uma bússola e mapas, poderia até seguir estas instruções poéticas. Os conceitos levante e pôr do sol, na montanha e no mar determinam as direções da vida cotidiana - e os moradores desta ilha turística da Indonésia usam estes conceitos tão naturalmente como os europeus usam direita, esquerda, acima, abaixo. Falando Balinês, o cocktail na montanha é um drink no balcão, que aponta na direção do vulcão Agung. E este pode estar ao lado esquerdo ou direito do visitante - dependendo em que lugar da ilha o bar se encontre.

"Balinês não é uma exceção", afirma Jürg Wassmann, etnólogo da Universidade de Heidelberg. "Muitas línguas, por exemplo, na Índia, no México, em Papua-Nova Guiné, não conhecem esquerda e direita. Eles se orientam por marcos da paisagem".

Para os Guugu Yimidhirr, por exemplo, um grupo de aborígenes australianos, quatro ventos indicam a direção: se o vento é "forte e quente" refere-se ao norte; o sul tem vento "irregular e frio"; "uma corrente leve" significa leste; e "sem vento" é o oeste.

Estes fatos aparentemente engraçados, vindo de países distantes são o resultado de pesquisa empírica. Na ilha de Bali, Wassmann convidou-os para um tipo de teste "indique o local". Os participantes tinham de descrever pessoas ou objetos de um quadro de tal maneira que seu parceiro podia, como num jogo de memória, encontrar o quadro idêntico. Num destes quadros, por exemplo, viu-se dois homens, cada um com um pau na mão direita, um estava de frente, o outro estava de costas. Consistentemente, os Balineses descreveram: um homem pôr de sol, outro levanta sol; o homem pôr de sol olha para a montanha, o outro para o mar. Homem pôr de sol segura o pau na mão pôr de sol.

Os etnólogos chamam este tipo de fala de "geocêntrica" - em contraste a nossa "egocêntrica". No centro da filosofia ocidental fica o indivíduo, explica Wassmann. "Conseqüentemente, o espaço em volta dele é dividido em direita, esquerda, acima e abaixo, frente, traz". Das aproximadamente 6000 línguas vivas do mundo, entretanto, a maioria é geocêntrica, estima o cientista: "O ambiente, não o indivíduo indica as direções".

Esta visão diferente influencia, também, o comportamento. Num segundo experimento, Wassmann apresentou a habitantes de Bali e Nova Guiné três modelos de brinquedos: ao lado esquerdo um crocodilo, ao centro uma árvore e ao lado direito um sapo. A tarefa para o participante era de se virar e, numa outra mesa, re-colocar os objetos na mesma ordem. Todas as crianças e metade dos adultos falharam do ponto de vista europeu: O sapo acabou no lado esquerdo e o crocodilo no lado direito.

"Se estiver com um aborígine australiano num restaurante rotativo no topo de uma torre de televisão, ele teria de re-alocar todos os visitantes e objetos constantemente", Wassmann continua refletindo sobre o experimento. "As vezes a manteiga estaria no seu norte e eu no seu oeste, depois a manteiga no leste e eu no norte".

Por enquanto, o próprio cientista vai para o sudeste: em julho vai para Papua-Nova Guiné; oito doutorandos vão para Micronésia e o deserto da Austrália Ocidental. Durante um ano, viverão como etnólogos nas vilas dos nativos e aprenderão as suas línguas. Em algum momento, geógrafos e psicólogos estarão na porta das suas cabanas - Wassmann pedirá a estes apoio na pesquisa.

"Com a ajuda deles queremos descobrir até que ponto esta percepção alternativa do espaço influencia a imagem de si e do mundo", explica o objetivo deste esforço distante. No rio Sepik em Nova-Guiné, por exemplo, onde os membros de um clã simplesmente são chamados de 'ser humano' e os membros de outros grupos de 'bunda nua', a combinação entre ambiente e nomes afeta fortemente a consciência: "As pessoas recebem nomes de antepassados sagrados, que moravam em lugares determinados. Como sua reencarnação, são responsáveis por estes lugares". Por esta razão, o homem chamado "peixe grande" acaba sendo responsabilizado pelo clã quando os cardumes deixam de desovar no lugar onde os antepassados moravam.

"Mobilando a paisagem mitologicamente" é a palavra do etnólogo para este sistema. Funciona enquanto não há interferência. "A muito falada globalização implica em muitos problemas", acha Wassmann, que já se preocupa com a pergunta, se os habitantes da Nova Guiné terão de re-mobiliar sua paisagem, quando se concebem como parte de um mundo Coca-Cola único. "Eles podem parecer muito diferentes de nós, mas são nossos contemporâneos", diz ele.

Estes, quando for necessário, podem mostrar o caminho para os pensadores direito-esquerda da Europa. Em Bali, por exemplo, as crianças já dominam os dois sistemas. Como em todo lugar da Indonésia, aprendem na escola a língua oficial "Bahasa Indonésia". A antiga língua franca é egocêntrica - e permite uma orientação sem a montanha sagrada.



---

A autora é jornalista da revista semanal *Der Spiegel*. Este trabalho foi originalmente publicado em 2.2.2004 com o título: Vertauschter Frosch, *Der Spiegel*, (N° 6, p. 158.) © *Der Spiegel*.

---

A *Série: Textos de Psicologia Ambiental* é publicado pelo Laboratório de Psicologia Ambiental da UnB.

☞ Como citar

Thimm, K. (2004). O Sapo Trocado (Série: Textos de Psicologia Ambiental; Tradução Hartmut Günther). Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental.